

NÃO PINTCHA

* ORGAO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA *

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

BISSAU

Desenvolvimento Rural prepara plano de actuação

Está a ser activamente preparado pelo Comissariado do Desenvolvimento Rural um plano de acção global que procurará corresponder à principal linha de força da actuação do novo governo, no sector económico, enunciada no discurso de tomada de posse do camarada Nino Vieira. Para a elaboração desse documento, os diversos depar-

tamentos do Comissariado têm mobilizado esforços no sentido de recolher o maior número de dados possíveis sobre os projectos em execução, procedendo também ao levantamento das carências principais da agricultura de cada região.

O próprio titular da pasta do Desenvolvimento Rural, camarada Mário Cabral, tem multiplicado os seus

contactos com os principais responsáveis do seu departamento nas regiões e com os técnicos que dirigem alguns dos projectos agrícolas em execução.

O documento que está a ser elaborado deve ser submetido à apreciação do Conselho de Comissários ainda durante o mês de Novembro.

(Mais noticiário na pág. 8)



Bagdad: a cimeira da esperança

Quatro anos após a sua última cimeira, realizada em Rabat no entusiasmo ainda vivo dos sucessos político-militares da guerra de Outubro de 1973, os países árabes vão encontrar-se numa conferência-cimeira que começará em princípios de Novembro. A iniciativa, que cabe aos dirigentes iraquianos, teve a adesão de todos os países membros da Liga Árabe. Só o regime de Sadate estará ausente desta reunião da esperança, para a qual não foi convidado.

(Ver página 7)

O camarada João da Costa visita o centro de leprosos de Cumura

O camarada João da Costa, Comissário de Estado da Saúde e Assuntos Sociais, visitou ontem à tarde o Centro de Leprosos de Cumura, situada nos arredores de Bissau. Esta visita tinha como objectivo conhecer de perto os problemas dos leprosos internados no centro e dos que já se encontram curados, e que foram instalados numa aldeia comunal, construída recentemente.

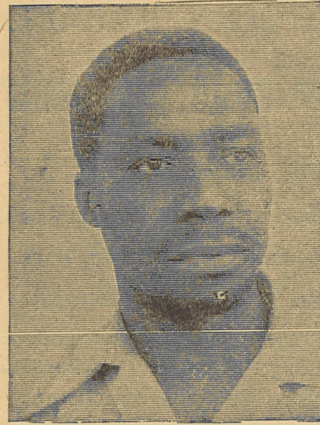
Além disso, o camarada João da Costa teve a oportunidade de ver como é que vivem os internados, os seus problemas mais prementes e os que o Comissariado da Saúde e Assuntos Sociais

poderá resolver de momento.

Acompanharam o camarada Comissário, o delegado da Organização Mundial de Saúde, dr. Murrilha, o bispo da Guiné-Bissau, Arturo Settimio Ferazzetta, e vários outros responsáveis ligados à Saúde e Assuntos Sociais.

Durante esta deslocação, a delegação do Comissariado da Saúde visitou a aldeia comuna, as pequenas parcelas de produção e, por fim, a enfermaria, e seguiu com atenção as explicações dadas pelo nosso bispo, que vive há muitos anos no centro.

(Continua na pág. 8)



Constantino Teixeira na URSS

O camarada Constantino Teixeira, membro da Comissão Permanente do Comité Executivo da Luta do P.A.I. G.C. e Comissário de Estado do Interior, partiu na sexta-feira passada para uma visita de amizade à União Soviética.

Aristides Pereira regressa ao país Condenadas as agressões de Salisbúria e Pretória aos países da linha de frente

LUANDA — A República Popular de Angola e a República de Cabo Verde condenaram vigorosamente os recentes actos de agressão perpetrados pelos regimes racistas de Salisbúria e de Pretória contra a Zâmbia, Moçambique, Botswana e Angola, sublinha-se num comunicado conjunto, publicado no sábado passado, no termo de uma visita oficial de amizade de cinco dias, a Angola, efectuada pelo camarada Aristides Pereira, Secretário-Geral do PAIGC e Presidente da República de Cabo Verde. A visita terminou anteontem, domingo. O comunicado reafirma a

solidariedade entre o PAIGC e o MPLA — Partido do Trabalho, e entre os respectivos países, com a luta de libertação nacional que está a ser levada a cabo pelos povos da África Austral, sob a direcção dos seus movimentos, a SWAPO, a Frente Patriótica e o ANC.

As duas partes exigiram a retirada imediata das tropas sul-africanas da Namíbia. Os dois países condenam a decisão de Pretória de realizar falsas eleições denunciando-a como uma tentativa de implantar um regime neocolonialista na Namíbia. — (ADN)

Prémio Nobel da Paz para Sadate e Begin Fortes reacções internacionais

A decisão da Academia de Oslo, conhecida na noite de sexta-feira, provocou, naturalmente,

as mais violentas reacções no seio da resistência palestina e entre todos os povos

amantes da paz e do respeito entre as nações. Os meios palestinos recordam que Begin, a quem se atribui hoje o cabecilha de um Estado expansionista e terrorista, cuja atitude habitual em relação aos direitos dos povos é a do fogo dos canhões, tem, ele próprio, como indivíduo, um passado de terrorista fascista, pois foi chefe do bando «Irgun zvai tsumi», à frente do qual participou, há trinta anos, no massacre de mais de duzentos civis palestinos desarmados, em Deir Yeein durante uma das campanhas de terrorista.

Mas não são apenas os órgãos de informação habitualmente favoráveis à causa palestina que condenam a decisão do comité Nobel. A quem do mais prestigioso e influente diário americano, também o «Times» de Londres afirma que «pela sua decisão, o comité Nobel desprestigia consideravelmente o prémio da paz».



Arbitragem - - A Causa Incompreendida

Camarada Director:

Permita-me ocupar hoje a coluna dos leitores do nosso jornal «Nô Pintcha» para saudar todos os amantes do desporto da nossa terra e, em particular, de Bissau, que dão ou virão a dar a sua valiosa contribuição à causa da arbitragem da época 78/79.

Camaradas árbitros, neste ano que começou, a arbitragem do futebol nacional vai continuar a pugnar pelo desenvolvimento desta causa do desporto, cada vez mais incompreendida.

A arbitragem é um todo, desde o dirigido ao dirigente, e assim tem que ser encarada e aceite por todos, quer pelos que dentro dela vivem, quer por todos os restantes.

Todos nós estamos irmanados no mesmo espírito, todos nós procuramos fazer o melhor que podemos e sabemos. Todos nós nos entregamos de alma e coração à causa da arbitragem, mas também, todos nós temos falhas, temos erros, como é óbvio. O importante é que cada um aceite os erros dos outros, os reconheça como seus, e que através de um diálogo atento procuremos eliminá-los nas nossas reuniões semanais.

O nosso público tem que ter em conta que o desporto deve ser encarado como cultura física, ainda que competitivo. Assim talvez se encontre aquela serenidade tão precisa em todos os actos de vida humana.

Convictos que na formação de Um Homem Novo que se pretende criar na nossa terra, politicamente será eliminada de algumas pessoas a doença de «Clubismo», o desporto será mesmo cultura física e haverá a serenidade desejada no desporto competitivo.

Até lá, há que esperar que no éter se desfaça a onda de «falta de senso» que está a invadir — ou por outro, invadiu — o nosso desporto. Faça votos para que os colegas árbitros de futebol, as maiores vítimas dessa onda, consigam levar a bom termo a cruz ao calvário, para bem da causa, em particular, e do futebol em geral. Faça ainda votos para que continuemos ainda mais unidos em volta da nossa Comissão Central, numa dignificação da causa que é comum.

Aceitamos e desejamos críticas construtivas, para, através delas, tirarmos ensinamentos que nos possam ser úteis, não para tirar o peso dos nossos ombros, mas por entendermos que só com a participação política de todos, estamos a servir a arbitragem. A nossa intenção é empregar as dezassete (17) leis do jogo com relevância construtiva.

Vamos todos lutar e viver na esperança, para podermos vencer com galhardia e fazer do nosso trabalho um arco de aliança entre o clamor da assistência e os jogadores.

ORLANDO FURTADO

Técnicos do Irep em Bissau para discutir o desenvolvimento industrial

Convidados pelos Comissariados de Estado da Coordenação Económica e Plano, do Comércio, Indústria e Artesanato, encontram-se em Bissau, desde 21 de Outubro, dois engenheiros do IREP (Instituto de Investigações Económicas e Planificação), Pierre Judet e Raphael Tiberghien, para discutir com os organismos interessados, diversos problemas do desenvolvimento industrial do país.

Durante as reuniões de trabalho a realizar no C.E. C.I.A. e CEDEP, serão discutidos tanto os impasses possíveis, como os sectores mais viáveis para a industrialização de um país com recursos limitados como o

nosso e, em particular, as carências de mão de obra qualificada, de capacidade de organização, de financiamento, de mercado e de assistência técnica.

Serão igualmente abordadas as possibilidades de desenvolvimento dos vários sectores da nossa indús-

tria, sobretudo as indústrias agro-alimentar, de bens de produção para a agricultura, de construção, pesqueira, metalomecânica e de consumo popular.

Para as reuniões de trabalho, foi também sugerido como tema de discussão o problema da transferência de tecnologia.

Recursos hidráulicos

Assinado um contrato com a URSS

Foi assinado ontem, no Comissariado de Estado dos Recursos Naturais, um contrato para apetrechamento e exploração de furos de sondagens para abastecimentos de água às populações e a centros agro-industriais, no valor de um milhão e seiscentos mil rubros.

O contrato foi assinado, pela nossa parte, pelos camaradas Lorena Santos, e António Pedro Almeida, respectivamente Director Geral dos Recursos Naturais e Director dos Serviços de Abastecimento de Água e, pela parte soviética, pelo Conselheiro Económico da Embaixada da URSS no nosso país, camarada S. Roumiantsev e, ainda pelo

seu adjunto, o engenheiro V. Lishkin.

Também estiveram presentes no acto da assinatura, o camarada Samba Lamine Mané, Comissário de Estado dos Recursos Naturais, camarada V. Semenov, Embaixador da URSS no nosso país, camarada A. Tchitov, representante residente do PNUD, assim como técnicos do Comissariado dos Recursos Naturais. Durante a cerimónia, foram pronunciados discursos que sublinharam o desenvolvimento da cooperação económica soviético-guineense em diferentes domínios, referindo-se particularmente os trabalhos em curso na pesquisa de bauxite, efectuados pelos peritos soviéticos.

Sida financeira projectos de electrificação

Um acordo de cooperação no sector da energia, foi ontem assinado pelo nosso Governo e pela SIDA (Organismo Sueco para a Cooperação). O referido acordo que prevê uma doação de 25 milhões de coroas suecas (equivalente a 190 milhões de pesos guineenses), enquadra-se no âmbito da assistência sueca ao nosso país.

Uma parte da referida soma destina-se ao financiamento do Projecto «GAZELA», que consiste na electrificação de sete vilas do interior do país. A outra parte, em cujo financiamento participa a BAD (Banco Africano do Desenvolvimento) e outras instâncias de financiamento, será aplicada no Projecto «ELEFANTE», que prevê o melhora-

mento da Central Eléctrica de Bissau e a extensão da rede de alta tensão, permitindo o fornecimento de energia, nomeadamente ao Complexo Agro-Industrial de Cumeré, ao Centro Emissor de Nhacra e ao Complexo Industrial de Brá.

Por parte do Governo sueco, assinou o protocolo o senhor Klas Markensten, representante da SIDA em Bissau, tendo sido o nosso Governo representado pelo camarada Inácio Semedo Júnior, director-geral da Cooperação Internacional. Presente ainda à cerimónia o chefe de Secção da Embaixada sueca, senhor Tomas Lagerwall e o director-geral da Energia, camarada Anastácio Justino Furtado.

Delegação saharoui visita países da Africa Ocidental

Uma delegação da República Árabe Saharaoui Democrática, chefiada pelo seu Ministro das Comunicações e Energia, Hamoudi Ahmed Baba está a efectuar uma digressão pela Africa Ocidental, a fim de informar os governos desses países sobre a situação actual que se vive no Sahara Ociden-

tal. Depois de visitar a República da Guiné-Bissau, onde teve contactos com os membros do nosso Governo, a delegação saharoui esteve na República irmã de Cabo Verde. A sua segunda passagem por Bissau, com destino a outro país africano, o Ministro saharoui infor-

mou-nos de que, nos encontros que teve com o Ministro caboverdiano dos Negócios Estrangeiros, camarada Abílio Duarte, o chefe de departamento dos Assuntos Políticos e o Director Nacional da Informação, teve a oportunidade de lhes explicar a situação que atravessa o povo combatente do

Sahara Ocidental. «Constatamos a identidade de pontos de vista, e o Governo caboverdiano reafirmou-nos mais uma vez o seu apoio e compreensão à nossa luta, e de que estará sempre vigilante ante as manobras dos que lutam contra o nosso povo» — disse o chefe da delegação.

Responde o Povo

Que importância atribui à vacinação ?

A vacinação é, sem margem para dúvidas, uma das práticas mais eficazes da medicina preventiva que, posta ao alcance do nosso povo, particularmente das nossas crianças, pode evitar muitas doenças, nomeadamente o sarampo, a paralisia infantil, a coqueluche e a difteria.

Aliás, nesta altura do ano (época de chuvas), as doenças são mais frequentes. Daí a razão porque a protecção, sobretudo das «flores e razão do nosso combate», como dizia o camarada Amílcar Cabral, contra doenças, só pode ter êxito se nela participar em massa o nosso povo, permitindo assim a vacinação dos continuadores da grandiosa obra do PAIGC.

A importância de que este assunto se reveste, sobretudo porque a saúde do nosso povo tem as suas repercussões na formação do «Homem Novo», capaz de participar activamente no processo de reconstrução nacional. Que importância tem para si a vacina, é a pergunta que pusemos a quatro camaradas neste nosso inquérito de hoje.

A VIDA DAS PESSOAS NÃO SE COMPRA

Maria Fernanda Gomes, 28 anos, doméstica — «A pesar dos meus afazeres, tenho vacinado sempre os meus filhos. As vacinas têm para mim grande importância, visto o seu principal objectivo consistir na prevenção de doenças. Uma pessoa vacinada está imune mesmo perante as doenças contagiosas. Como exemplo disso, cito o caso dos meus primeiros filhos, já crescidos, que até agora ainda não tiveram doenças muito graves, graças à vacina.

Sou daquelas pessoas que nunca se descuida com este método de prevenção porque a vida das pessoas não se compra».

REFORÇAR AS CAMPANHAS DE VACINAÇÃO

Domingos Armando da Silva, 41 anos — «Considero vacinar um acto muito importante para a protecção da saúde. Segundo os serviços competentes, aqui na nossa terra, devido ao clima, existem muitas doenças, podendo a maior parte delas ser evitadas pelas respectivas vacinas. Ao que pa-

rece, estas só têm validade quando são tomadas na devida altura. Por outro lado, penso que se a maior parte dos pais não levam os seus filhos a vacinar, é por desconhecerem a sua importância. É nesta base que gostaria de propôr aos serviços competentes, para que reforcem as suas campanhas de vacinação, a fim de sensibilizar ainda mais essas pessoas, visando principalmente salvaguardar a saúde das crianças».

APANHEI POUCAS VEZES A VACINA

Manfage Mariam Djaló,

43 anos, doméstica — «Falando em abono da verdade, foram poucas as vezes em que apanhei a vacina. Portanto, não sei explicar qual é a vantagem que isso pode ter para a saúde de uma pessoa. Recordo que a minha última vacina foi aquando da campanha de vacinação levada a cabo há uns tempos atrás, pelo Comissariado de Estado da Saúde e Assuntos Sociais. Com a excepção destas campanhas de vacinação, nunca fui ao hospital vacinar-me. Os meus filhos, que andam na escola, esses sim, é que têm apanhado vacinas».

O papel do escritor na afirmação e desenvolvimento da Língua Nacional (2)

Por Luís Romano

Publicámos hoje a segunda parte do discurso de Luís Romano na conferência sobre o «papel do escritor na afirmação e desenvolvimento da Língua Nacional», realizada recentemente na República irmã de Cabo Verde.

Neste seu discurso, Luís Romano, autor de «L'zimparin» demonstra com a prática a sua tese sobre a utilização literária da língua caboverdiana.

Entre nós, caboverdianos, a preocupação gramatical imposta, teve consequências que afectaram, com o complexo de inferioridade, grande parte da massa popular alfabetizada, quando se afastava da Língua Nativa.

Todos sabemos que numa comunidade linguística está em contínua transformação o emprego do idioma utilizado. Com o andar dos anos processa-se uma sedimentação fonética, de que resulta a língua oficial dessa comunidade-nação e então a palavra fica conservada na escrita, como símbolo cultural desse agrupamento humano.

Também não ignoramos que antes de se saber escrever é preciso aprender a falar, e é por isso que a linguagem é um fenómeno social. Se o caboverdiano encontra dificuldades na leitura e na escrita da sua própria língua, é certamente por não possuir, até agora, um instrumento que lhe permita fixar e desenvolver o vocabulário que utiliza, transcrito graficamente, desencadeando desse modo as forças que provocam a unidade das famílias humanas, unicamente ligadas pelo uso da mesma forma de se comunicar, numa consolidação secular, de várias ordens.

E foi assim que, entre nós, as classes dominantes doutrota legitimaram sua língua de conquista, que teve como réplica de resistência, o nascimento do Idioma caboverdiano falado pelos núcleos dominados e aglomerados no nosso Arquipélago, sob o terror daquelas épocas.

Daí as notícias dalguns conflitos que foram abafados em sangue. De tomada de posição contra ou a favor do nosso nativo, da sua ânsia de libertação e do avanço do seu linguajar como instrumento do contacto entre os padrões e subordinados africanos.

Então a linguagem dos nativos oprimidos e colonizados inicia os primeiros passos para a liberdade, representando uma força, mesmos sob labéu da inferioridade social.

Investigações referentes ao nosso modo de falar são relativamente recentes. Além da insuficiência de pesquisas técnicas sobre o

assunto, raros estudos permitidos pela Censura de então foram multilados na sua amplitude, ou desviados para outros campos, a fim de que não fosse maculado o prestígio da língua imposta.

E longo tempo decorreu permanecendo o idioma nativo como apêndice tolerado, embora repelente, no entanto protegido no âmbito do Povo caboverdiano como embrião sagrado, aguardando a hora que teria de chegar com o advento da Liberdade.

Mesmo quando estudiosos liberais admitiram que o falar caboverdiano era o fruto de uma glotofonia mista em que a raiz trazia sinais de diferentes idiomas antigos da presença europeia cabendo às línguas africanas uma parcela diminuta nessa aglomeração fonética, os mais teóricos e intransigentes apoiaram-se sobre argumentos de ordem puramente técnico-linguística, esquecendo-se dos efeitos da História das Forças Sociais e Políticas, que foram o cadinho da Nossa Nacionalidade, preocupando-se somente com saber se as nossas origens étnicas remontavam além dos meados do século XV e não após, como diziam as crónicas.

Disso resulta o nascimento de várias hipóteses sem definição comprovada, provocando conclusões apressadas e partidarismos duvidosos, sobre a classificação do nosso expressar como língua, na sua génese e rolleiro actual firmado na linha da própria auto-determinação, e se poder acabar de vez com a alienação dos mistificados e dos mistificadores.

É preciso não esquecer que na sistemática da História Colonialista Europeia, o Branco foi sempre colocado com sua língua em posição cimeira sob todos os aspectos ficando o Nativo do Terceiro ou Sub-Mundo, e principalmente o Africano, relegado à situação negativa de criatura inferior ou animal de criação sócio-cultural, com profunda diferença entre vencedores e vencidos.

Repetimos que ainda está para ser definida a demonstração e reconstrução evolutiva histórica do idioma caboverdiano, testemu-

nha da criação linguística dos antigos falares daqueles mártires que foram arrancados das suas raízes nativas e tiveram de se adaptar às atrocidades das circunstâncias da época, quando compulsivamente instalados individualmente ou por agrupamentos, em ambientes de linguagem desconhecida, espalhados por estas ilhas, de que resultaram as modalidades faladas de Sotavento e Barlavento.

Por instinto de conservação, os elementos africanos tiveram de resistir ao sistema escravagista, forjando entre si um código de se entender, que pouco a pouco se propagou e deu origem à Nossa Língua, hoje, reflexo da nossa Pátria.

Eis porque, em nosso entender, o idioma caboverdiano, além do mais, significa um documento vivo do nosso património, para o acervo da História dos Cativos da Época dos Resgates, com sua herança afro-europeia fusionada na definida nação-de-família que nos caracteriza como cidadãos livres e não como «crioulos», termo pejorativo escolhido intencionalmente pelos europeus, que dele fizeram um instrumento discriminativo de status social inferior ou diminutivo, linguístico e político, vigente ainda, mau grado nossa repulsa, que vem dos tempos de escola, onde a nossa língua era proibida com severidade e repudiada como pústula infecta.

No entanto, foi ela que nos uniu para caminhos que nesta data são uma realidade nacional, patente, e irreversível.

A afronta feita à nativa maneira de falar caboverdiano visava uma marginalização, principalmente ao nosso conterrâneo de cor, ameaça embrionária ao poder que então dominava. E foi justamente essa atitude que provocou a potencialidade resistente do nosso povo na hora certa, sob o impulso do seu maior herói — AMILCAR CABRAL e seus companheiros de luta.

Com a expansão falada do homem caboverdiano no estrangeiro, em número crescente e seu desenvolvimento mental, organismos interessados admitiram a evidência de uma estrutura linguística, embora duvidosos da sua capacidade de assumir as redeas do desenvolvimento económico e social, da nova república que despontaria mais cedo ou mais tarde.

Outros, mais conservadores ou alienados, só aceitam

o termo «Língua», dentro dos moldes estabelecidos pela conveniência imperialista. Para esses, «língua» deverá ser sinónimo de cultura, da civilização, da literatura escrita e, como tudo isso nos foi cerceado, o idioma que falamos natural e nativamente, e que contém os predicados essenciais para a intercomunicação nacional, para esses, dizianos, o cabo-verdiano não é língua, embora tenhamos provas de literatura escrita, de uma cultura e civilização baseadas na constituição de uma indiscutível, embora jovem, Pátria Independente.

Eis o perigo das línguas dominantes com influência sobre as sociedades dominadas, política e economicamente. Só o tempo poderá cicatrizar feridas tão profundas, mesmo quando essas sociedades se libertam. O processo da depuração é longo e penoso no seio da própria família. Muitas vezes os membros que a constituem se desgremam nos choques.

Toda a Língua Nativa, comum, oficializada ou não, representa uma energia popular de básico significado na dinâmica da unidade nacional.

Para os cabo-verdianos, onde não existe racismo, com o avanço do desenvolvimento sócio-cultural a solução linguística será estabelecer, em convenção tácita, a modalidade de emprego que abranja todas as ilhas do arquipélago e daí extrair o veículo que satisfaça as necessidades da Nação no seu conjunto.

O reconhecimento oficial da nossa língua, na sua plenitude e legitimidade pertencida, virá contribuir para o fortalecimento, da consciência de um povo, há bem pouco colonizado, dividido em sedimentações étnicas nas camadas sociais, a quem se inculcou inferioridade perante as potências no poder que repudiavam a expressão nativa da comunicação.

Eis porque o cabo-verdiano, mais privilegiado procurou desesperadamente se instruir, se diplomar, aparentemente se europeizar e muitas vezes recusar falar em público seu próprio idioma.



AMILCAR CABRAL

A prática revolucionária

VI. DEZ ANOS DEPOIS DO MASSACRE DE PINDJIGUITI (*)

SINTESE DA SITUAÇÃO GERAL DA LUTA

Os sorrisos e gentilezas prodigalizados nas zonas ainda ocupadas, como os crimes e a devastação que procuram perpetrar nas regiões libertadas, são a prova da confusão em que se encontram as autoridades coloniais do seu desespero face aos progressos incessantes da nossa luta, apesar dos esforços e sacrifícios que temos de enfrentar.

Pela nossa parte, seja pelo trabalho político directo e quotidiano junto das massas populares das regiões libertadas, seja pelas antenas da nossa estação emissora Rádio-Libertação, combatemos esta política, denunciando os actos e as manobras do inimigo. Reforçamos a organização do Partido a todos os níveis, e procuramos melhorar as condições de vida das populações porque, seja qual for a situação, um povo não luta só pelas ideias.

Podemos afirmar — e os testemunhos dos visitantes são disso prova irrefutável — que o nosso Partido está mais forte que nunca e o nosso povo firmemente ligado à nossa organização, ao serviço da luta. Paralelamente desenvolvemos o trabalho político clandestino nas zonas ainda ocupadas, tanto na Guiné como em Cabo Verde e aceleramos a desmobilização das tropas coloniais por uma propagação constante e adequada. Intensificamos a nossa acção nos planos económicos, social e cultural. A situação política, que condicionou odesencadear da nossa acção armada face à agressão colonialista portuguesa, é presente fortemente influenciada pelo desenrolar do nosso combate. E este avança sem parar, apesar das dificuldades, votando à derrota todas as «mudanças de atitude» e as manobras dos colonialistas cuja finalidade é destruir a nossa luta libertadora.

A situação militar caracteriza-se, de maneira geral, pela retirada crescente das tropas colonialistas para os principais centros urbanos e pela intensificação dos ataques travados pelas nossas forças contra os quartéis fortificados portugueses e estes mesmos centros urbanos. No âmbito do «movimento» de conjunto e das contradições em mutação que definem a guerra, estes factos caracterizam uma fase avançada e bem definida da evolução dum guerra de libertação nacional face à agressão colonialista ou imperialista.

Com efeito, chegámos a uma fase em que a situação parece ser a oposta da que caracteriza o início da luta. O eixo principal ou a espinha dorsal estratégica do inimigo desloca-se e diminui, incluindo presentemente apenas troços de estradas que ligam os principais centros urbanos (Bissau Mansoa, Bafatá-Gabú, Bissau-Cantchungo e Bambadinca-Bafatá), bem como alguns rios sobre os quais estão situados os portos essenciais ao abastecimento de determinados acampamentos do interior.

(*) Relatório sobre a situação da luta, Janeiro de 1970 (Extractos).

Comunicado conjunto da visita presidencial à Libéria Quando persiste a dependência económica a independência política está ameaçada

Conforme oportunamente anunciamos, um comunicado conjunto foi assinado no termo da visita de amizade e de trabalho efectuada pelo camarada Luiz Cabral à Libéria, a 5.ª e 6.ª-feira passadas. Nesse comunicado, assinado pelos dois chefes de Estado e o qual passamos a transcrever, ressaltam nomeadamente o reforço de cooperação e de laços de amizade entre a Guiné-Bissau e a Libéria, a necessidade de uma cooperação económica regional, o conceito da independência económica e a solidariedade com a luta dos povos da África do Sul:

«No prosseguimento da política de consultas entre chefes de Estado africanos, com o objectivo da consolidação da unidade e solidariedade africanas, Sua Excelência Luiz Cabral, Presidente da República da Guiné-Bissau retribuiu a visita de amizade e de trabalho do seu amigo e irmão dr. William Tolbert Júnior, Presidente da República da Libéria, de 26 a 27 de Outubro de 1978.

Sua Excelência o Presidente da República da Guiné-Bissau, estava acompanhado de Alexandre Nunes Correia, Secretário-Geral do Comissariado de Estado dos Negócios Estrangeiros, Manuel Nandigna, Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da Guiné-Bissau na Libéria, Comandante Arafam Mané, Chefe da Casa Militar e Comandante Anhojo da Cunha, membro da Casa Militar da Presidência.

A visita deu a oportunidade aos dois chefes de Estado de reverem os acontecimentos da actualidade política internacional, particularmente os que se relacionam com a África. Numa atmosfera de autêntica amizade, entendimento mútuo e irmandade, mantiveram frutíferas conversações bilaterais, regionais e continentais de cooperação política, económica e cultural.

Os dois países reafirmaram a sua determinação em continuar a procura de meios pacíficos para solucionar conflitos existentes e encorajar a cooperação inter-africana a todos os níveis e em todos os domínios. Lutarão para acelerar os seus esforços para uma maior democratização das relações internacionais no estabelecimento de um mais justo e equilibrado sistema económico mundial.

Convencidos da importância da cooperação económica regional, os presidentes Luiz Cabral e Tolbert, renovaram o seu engajamento no apoio para que se concretizem os objectivos da CEDEAO.

Expressaram a sua firme convicção de que a independência política está amea-

çada quando persiste a dependência económica. E neste sentido, os dois chefes de Estado acordaram vigorosamente no prosseguimento de um desenvolvimento económico global e harmonioso para a realização da auto-suficiência, com o objectivo de uma completa independência económica.

Tendo em conta os interesses maiores da África, os dois presidentes passaram em revista, com indignação às situações que prevalecem na África Austral, onde regimes minoritários racistas continuam a aterrorizar a maioria negra, suprimindo as suas legítimas aspirações de paz, liberdade, justiça, igualdade, dignidade humana e independência.

Condenaram a degradante política do «apartheid» em todos os seus aspectos e apelaram à comunidade internacional para intensificar os seus esforços, tendo em vista a abolição completa deste aberrante sistema.

Os dois chefes de Estado, realçaram que a luta pela independência da Namíbia chegou a um impasse crítico, devido a obstinação do regime racista sul-africano em regeitar o plano das Nações Unidas para uma autêntica independência,

aprovado pelo Conselho de Segurança. Ao darem o seu apoio por uma completa aplicação do plano das Nações Unidas, os presidentes Cabral e Tolbert, condenaram veementemente a decisão unilateral da África do Sul de realizar eleições na Namíbia, como uma artimanha para impôr um «statu quo» interno e um dirigente fantoche ao povo namibiano.

Assim, os dois chefes de Estado reafirmaram o seu incondicional apoio à SWAPO, como legítimo representante do povo namibiano. Lutarão para dar toda a assistência possível para pôr fim à ocupação ilegal do território pela África do Sul e pelo objectivo de uma real independência da Namíbia, como Estado unitário.

De acordo com as resoluções adoptadas pela OUA, os dois chefes de Estado reafirmaram o seu inteiro apoio à Frente Patriótica na luta contra o regime ilegal de Salisbúria.

Os presidentes Luiz Cabral e William Tolbert, condenaram os repetidos actos de agressão perpetrados contra os Estados da Linha de Frente, pelo regime racista de Ian Smith. Deploaram de forma vigorosa, os recentes assaltos feitos pelas forças rodesianas, contra as aldeias da Zâmbia e Moçambique, que causaram pesadas perdas materiais e resultaram na morte de várias centenas de pessoas inocentes.

Acordaram que cada um destes actos de agressão constitui um perigo para a

paz e a segurança internacionais. Os dois chefes de Estado, reafirmaram o seu engajamento na concretização dos princípios e ideais da OUA, ONU e do Movimento dos Não-Alinhados, tendo reafirmado a sua convicção que estas organizações são instrumentos para a promoção de uma paz global e segura.

No que respeita aos problemas bilaterais, os presidentes da Guiné-Bissau e da Libéria, expressaram a sua satisfação pelas relações harmoniosas que vigoraram entre os dois países.

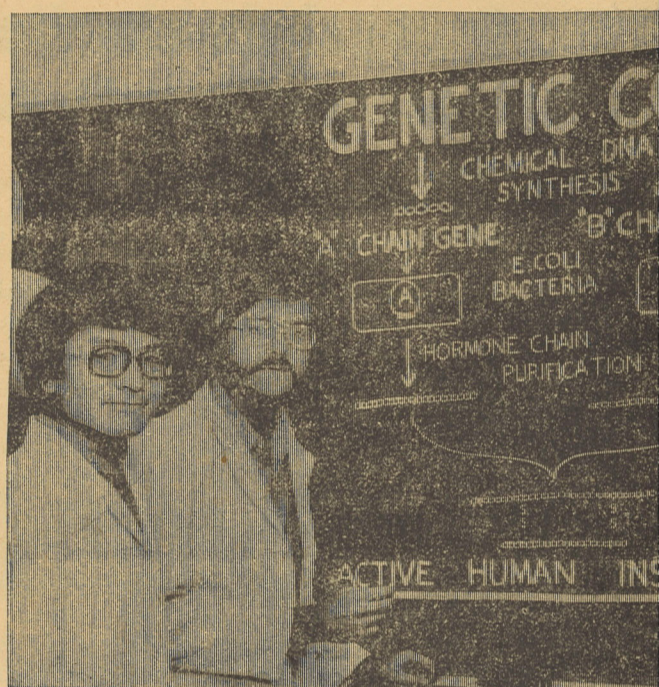
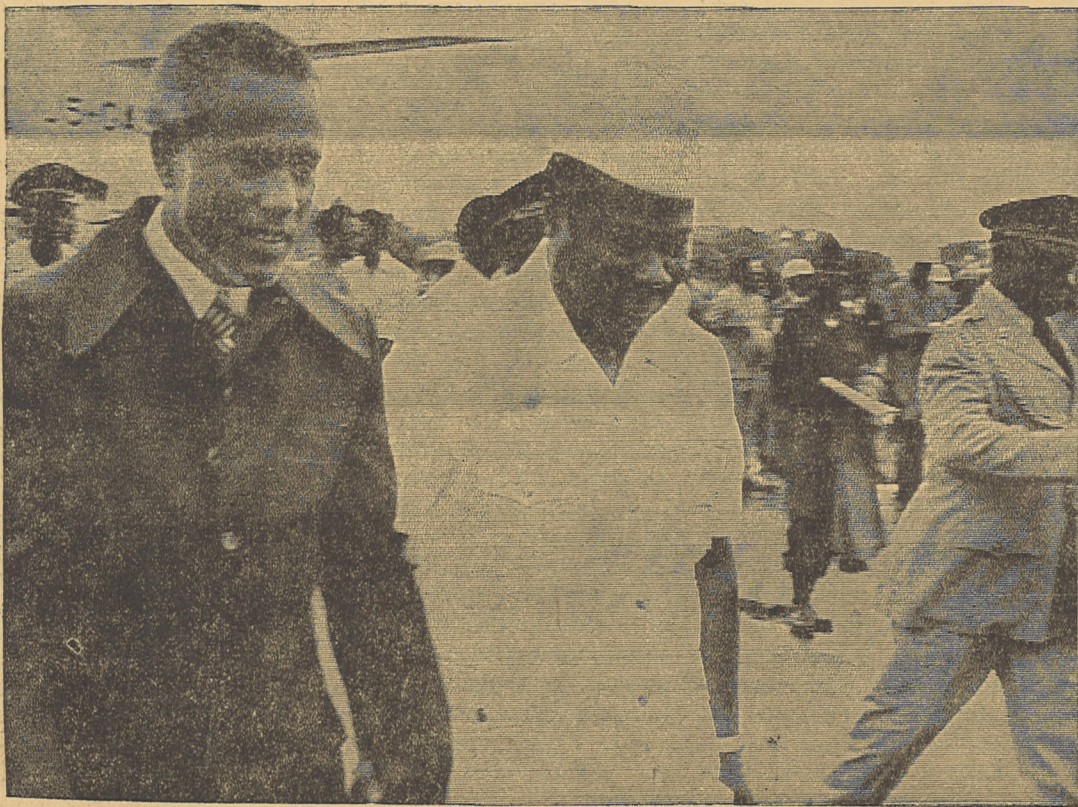
Acordaram na necessidade de desenvolver no futuro os laços de amizade e de cooperação entre as duas nações e povos.

O líder da Guiné-Bissau elogiou o Presidente Tolbert pela sua política de desenvolvimento total, pelo equacionamento e implantação de variados programas de desenvolvimento que trouxeram um progresso significativo para a nação liberiana e o seu povo.

Também felicitou a iniciativa do Presidente Tolbert em ser anfitrião da histórica Cimeira de Monróvia, em Março de 1978, que resultou na normalização de relações diplomáticas harmoniosas entre as Repúblicas da Guiné e Costa do Marfim, de um lado, e a Guiné e o Senegal, de outro lado.

O Presidente Tolbert fez reconhecer também a grande contribuição prestada então pelo chefe de Estado da Guiné-Bissau, nessas diligências.

(Continua na página 8)



A equipa de investigadores do centro Médico de Lovelock teve êxito na criação de gene artificial que permite a produção de insulina humana em laboratório

Insulina humana produzida

Uma esperança para

Uma experiência de grande importância para as vítimas do diabetes e para a nova ciência da «engenharia genética»: cientistas da Califórnia criaram um gene capaz de produzir insulina laboratório.

O relato da experiência foi feito no passado dia 6 de Setembro último, pelo dr. Rachmeil Levine, chefe da equipa de investigadores. A experiência, foi classificada pelos seus autores como «uma coisa inteiramente nova na prevenção da doença», que manifestaram as suas esperanças de que a produção em larga escala de insulina humana seja possível dentro em breve, teoricamente, a insulina poderá começar a ser produzida comercialmente dentro de dois ou cinco anos.

A criação da insulina humana representa a primeira utilização prática da engenharia genética, a controversa prática de alterar os genes, elementos que transmitem a hereditariedade a todas as formas de vida. O processo consiste principalmente em alterar a composição do «ADN», substância ácida subjacente à formação da vida e da qual são compostos os genes.

AS CAUSAS DA DIABETES

O diabetes é causado por excesso de açúcar no sangue e, geralmente, ataca indiví-

duos cujos sistemas produzem suficiente insulina, hormona proteica. Em casos graves, os pacientes devem submeter-se a injeções diárias de insulina.

A doença, cujos resultados podem ser fatais, ajuda a perturbar a circulação sanguínea e provoca a cegueira, a gangrena e colapso cardíacos.

Desde o início da sua utilização, em 1921, a insulina vem sendo extraída das glândulas pancreáticas de gado bovino e suíno abatido. A insulina humana só tem sido utilizada em poucas experiências de pesquisa, mas quanto tem que ser extraída de um pâncreas humano normal. De acordo com a experiência, nos próximos 25 anos poderemos enfrentar uma crise de insulina animal, pois o seu preço tende a subir e ela vem escasseando na proporção do crescente número de diabéticos. Existem actualmente cerca de 100 milhões de diabéticos no mundo inteiro.

Por outro lado, a insulina na animal pode provocar alergias ou reacções de anticorpos em alguns indivíduos. Mas não se tem conhecimento de reacção adversa à insulina humana.

COMO SE PRODUZ A INSULINA HUMANA

A produção da insulina humana tem início quando o «código genético», combinação dos elementos químicos contidos em um determi-



les, Califórnia, que obte-
cação da insulina huma-

m laboratório diabeticos

do gene, é utilizado para sintetizar os genes necessários a criação da insulina. Os genes criados são artificiais, não humanos. São produzidos em laboratório.

Os responsáveis por esta importante experiência, que vem restituir a esperança a muitos diabéticos, salientam que ela pode abrir todo um novo campo à pesquisa médica. Nas enfermidades que, como o diabetes, são causadas por carência proteínica, podem fabricar-se as proteínas, produzindo-se novos genes. Por exemplo, pode criar-se uma hormona que permita ao indivíduo resistir à susceptibilidade hereditária a um determinado vírus.

Para produzir insulina humana em larga escala, a empresa de pesquisas assinou um acordo com uma firma americana fornecedora de serviços médicos. Mas os trabalhadores das duas empresas negaram-se a estabelecer uma data para a comercialização do produto, salientando que as reacções humanas e animais à insulina devem ainda ser testadas, o que exige grande desenvolvimento tecnológico. Também se recusaram a calcular o preço de venda da insulina humana, embora um dos médicos da equipe de pesquisas afirmasse que o seu preço poderá ser bem inferior ao da insulina animal.

O PODER DA INFORMAÇÃO EM DEBATE NA UNESCO

● Desacordo quanto aos objectivos e meios

Um projecto de resolução sobre o papel dos órgãos de Informação na luta pela paz, pela compreensão internacional e contra a propaganda belicista, o racismo e o «apartheid», que deverá ser submetido à discussão da XX sessão da Conferência Geral da UNESCO, que reunirá em Paris no próximo dia 18 de Novembro, está a levantar uma autêntica tempestade entre os representantes de algumas potências ocidentais, com os Estados Unidos da América à cabeça.

O projecto de resolução, subscrito pelo director geral da UNESCO, o senegalês Amadou Mathar M'Bow, considera que os órgãos de informação devem «respeitar os direitos e a dignidade de todas as nações, de todos os povos e de todos os indivíduos, sem distinção de raça, de sexo, de língua, de nacionalidade ou de convicção filosófica» e «evitar qualquer forma de justificação ou de incitamento ao belicismo, à violência, ao «apartheid» e às outras formas de discriminação nacional, racial ou religiosa, assim como qualquer forma de colonialismo ou neocolonialismo».

Desenvolvendo estes propósitos ao longo de 11 artigos, o projecto de resolução não faz mais do que retomar os princípios expressos na Carta das Nações Unidas e na Declaração Universal dos Direitos do Homem, inúmeras vezes glosados em declarações semelhantes produzidas pela UNESCO. Porquê, então, a feroz oposição que agora é movida a um documento que, a exemplo dos anteriores, não passa de mais uma declaração de boas intenções, invocada ou ignorada por cada Estado ao sabor das suas conveniências de momento?

A partida, os países do Terceiro Mundo, que na sua quase totalidade apoiam o projecto, garantem a sua aprovação por esmagadora maioria. Mas o número de votos por eles representado não tem qualquer correspondência com o seu peso efectivo nas correntes mundiais de Informação. Assim, o director-geral da UNESCO procurou, na formulação do documento, não ferir as susceptibilidades daqueles que só aprovam resoluções suficientemente vagas para não passarem do papel, e desse modo garantir a sua aceitação por unanimidade.

UM DESEJO DE CONCILIAÇÃO

Alguns exemplos desta vontade de conciliação podem ser encontrados nas alterações introduzidas, ao longo de discussões e con-

tactos prévios, na redacção do projecto. Assim, enquanto o título inicialmente proposto referia a «utilização» dos órgãos de informação na luta pela paz, etc., pressupondo uma intervenção do Estado na orientação dos órgãos submetidos, directa ou indirectamente, ao seu poder, a redacção agora proposta atribui aos próprios órgãos de informação o papel de «contribuirmos» para essa causa. Foi suprimida qualquer referência à responsabilidade do Estado nas actividades dos órgãos de informação. Um vago convite, formulado na redacção inicial, à tomada de medidas legislativas destinadas a impedir a apologia da guerra e do racismo, foi também eliminado do projecto posto à discussão.

É curioso notar que não são só os representantes dos EUA — cujos órgãos de Informação produzem cerca de dois terços de caudal de notícias do Mundo inteiro e geralmente defendem em bloco os interesses dos capitais do seu país no exterior — que atacam o projecto de resolução, considerando-o uma «ameaça» à liberdade de Informação e à livre circulação das notícias. Também países como a Holanda, cuja imprensa é incomparavelmente mais aberta às ideias comumente ditas progressistas e, com grande frequência, usa da sua incontestável liberdade para exercer apertada vigilância sobre todos os actos do governo — não recuando, sequer, ante a denúncia de actividades económicas «pouco patrióticas» de membros da família real — assumem posição tanto ou mais radical contra o documento proposto por M'Bow.

Entre a esmagadora maioria dos países do Terceiro Mundo — que de comum apenas têm a sua situação de subdesenvolvimento económico, mas de forma alguma se identificam quanto aos meios de superarem essa situação —

raro é o caso em que a Informação é controlada por outras mãos que não sejam aquelas que controlam também o poder de Estado. Os poucos exemplos em que tal se verifica referem-se a situações passageiras, no termo das quais um dos poderes engole o seu antagonista.

No entanto, a apologia do fascismo, ou de alguns dos seus componentes — o belicismo, o chauvinismo, o racismo, a intolerância — são, nas imprensas de muitos desses países, bem mais frequentes do que na preconceituosa e fleumática Holanda.

INVOCAR A «LIBERDADE DE INFORMAÇÃO» PARA A REPRIMIR

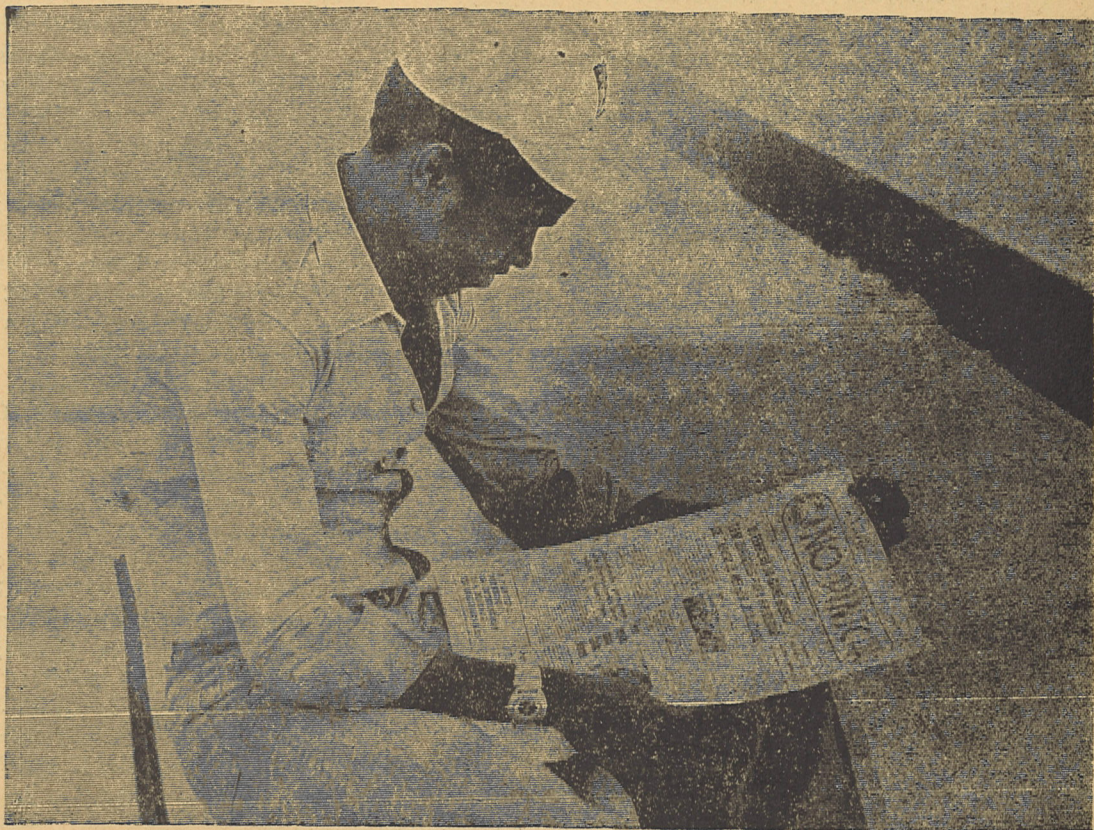
No meio desta disputa, Mathar M'Bow aponta um dedo acusador aos que «hoje se servem do «slogan» da liberdade de informação para criarem um clima que reprime essa liberdade» — como afirmou num violento discurso proferido na passada quinta-feira perante a Conferência. O director-geral da UNESCO sustentou que «os grandes meios de informação representam um dos instrumentos mais eficazes para resolver os principais problemas da humanidade: paz, segurança e desarmamento, luta contra a fome, a miséria, o analfabetismo, as violações dos direitos do homem... Colo-

car o imenso aparelho de Informação ao serviço destes objectivos é consolidar a solidariedade geral, o sentimento de interdependência e de responsabilidade comum dos homens». Ripostando aos ataques dos que o acusam de querer «atentar contra a liberdade de informação», M'Bow precisou que «lutar pelo reforço da paz e da compreensão internacionais, contra a propaganda da guerra, do racismo e do apartheid, é afirmar a verdadeira liberdade de informação».

Porém, as repetidas modificações a que o texto foi sujeito tornam bem claro que a resolução não pretende atribuir aos Estados qualquer responsabilidade pela política seguida pelos seus meios de Informação. Inicialmente considerados como «agentes» duma política «nacional» ou «de Estado», desempenhando um papel de intermediários para a realização dos objectivos enunciados, os órgãos de informação passaram a ser encarados, na redacção do texto, que agora está a ser discutido, os «actores» essenciais, aos quais é atribuída directamente a responsabilidade moral, social e profissional do seu trabalho, em nome dos princípios universalmente reconhecidos de liberdade de expressão, de informação e de opinião.

Embora todo o esforço feito na redacção do projecto de resolução visasse primordialmente a cabar

com as ambiguidades dos muitos textos anteriormente aprovados, as inúmeras modificações a que foi sendo submetido parecem tê-lo arredado totalmente desse objectivo. Na verdade, se era por demais ambíguo atribuir a um Estado, subscritor de uma declaração de princípios a responsabilidade de zelar pelo comportamento dos órgãos de informação existentes dentro do seu território, e, logo a seguir, coartá-lo, em nome da liberdade de informação, qualquer possibilidade de interferir na política desses órgãos, a ambiguidade nem por isso, se torna menor ao ignorar-se a existência dos Estados, atribuindo essa responsabilidade a cada um dos órgãos de informação. A suprema fraqueza duma tal forma de saltar por cima da dificuldade reside no facto, simples, de que os órgãos de informação, individualmente considerados, não serão os subscritores do documento que se pretende aprovar. Os seus princípios poderão naturalmente, ser subscritos, em termos de compromisso moral, por toda a imprensa progressista. Mas, obviamente, não é essa imprensa que faz a apologia da guerra, do racismo e do colonialismo. A outra, a que afinal se pretende atingir, continuará a fazê-las e a ignorar soberanamente qualquer declaração de princípios que lhe não interesse, por mais universal que seja.



Nacional de futebol

Um Sporting que não inspirava confiança causa calafrios à UDIB

Cumpru-se mais uma jornada da nacional de futebol. Trata-se da terceira ronda, a que muitos totalistas chamaram de «jornada de surpresas». Até certo ponto concordamos com esta apreciação, pois, «bem vistas as coisas», encontramos por exemplo, um Sporting, que não inspirava confiança nenhuma, mesmo aos adeptos mais «doentes», por causa do mau trabalho apresentado no seu primeiro jogo desta época, frente ao Desportivo de Cantchungo, com quem perdeu por 3-1. Isto sem esquecer, como é evidente a proeza dos «leões» no encontro da segunda jornada, frente a formação de Buba, que venceu por 4-1.

Mas, apesar destas considerações, a Udib, talvez por auto-confiança não soube medir o peso do seu adversário no jogo da noite de sábado passado, onde esteve quase evidente a supremacia da juba «leonesa». O técnico udibista, Mário Aureliano escolheu este encontro para estreiar novos elementos. É verdade que esses não jogaram mal, com destaque para Estevão, que marcou o segundo tento da sua equipa. Mas faltou à sua formação aquele bom gosto pela velocidade que vinha demonstrando nos jogos anteriores.

Os «leões», ao tomarem o controle da partida, quiseram impôr o seu sistema de jogo. Cresceram em for-

ça até estabelecer o 2-0, para depois entrarem em decadência. A Udib, conseguiu apoderar-se de alguns sectores na segunda parte e, por fim, estabeleceu o empate. Os dois pontos em disputa acabaram por ser repartidos.

BISSORA, 1 — BALANTAS, 4
Entrada com o pé direito...

Os primeiros campeões da Guiné-Bissau, «Os Balantas» de Mansoa iniciaram esta época a bom ritmo. Pode-se dizer que entraram com o pé direito. Depois dos 2-0 da primeira jornada, aplicados em casa ao Desportivo de Gabú, os azuis do Norte deslocaram-se na jornada seguinte até ao Sul, onde arrebatarem ao Desportivo de Buba os dois pontos em disputa, e arrecadaram quatro bolas contra uma. Anteontem voltaram a ganhar com a mesma soma de 4-1. Desta vez a vítima foi o conjunto de Bissorã no seu próprio terreno. Esta equipa que já soma três derrotas e um número «record» de golos sofridos (10), parece decidida a candidatar-se para a situação de «laterna vermelha». Contudo, é ainda muito cedo para se começar a pensar nisso.

BOLAMA, 1 — BENFICA, 3
Viagens bem sucedidas...

Nestes primeiros tempos, os encarnados têm andado em «viagens de negócio». Na capital do Norte, o Des-

portivo de Farim não teve outra alternativa do que aceitar a imposição encarnada. Assim o Benfica arrecadou os dois preciosos pontos com mais duas bolas enquanto que a equipa da casa não somou mais do que uma bolinha. Ainda com o encontro da segunda jornada por disputar, os encarnados foram passar o fim-de-semana à cidade de Bolama, onde arrancaram uma folgada vitória de 3-1, frente à Estrela Negra. A formação Bolamense, ainda mal rodada, vai ocupar o penúltimo lugar da tabela classificativa.

FARP, 2 — TENIS, 0
O gosto pelas coisas miudinhas...

No embate da jornada n.º 3, a equipa do Grupo Desportivo Recreativo e Cultural das FARP, conseguiu finalmente quebrar o mito de sempre o de baquear frente ao Ténis Clube, ao vencer por 2-0, na tarde de sábado passado. Apesar de ser uma equipa promissora, já com três vitórias consecutivas, há um pormenor que lhe é característico, e que nos põe sempre na expectativa. Trata-se do seu refinado gosto para «coisas miudinhas». Referimo-nos aos seus toques e retoques, que nunca mais acabam e deixam sempre jogadas por concretizar...

UMA VEZ MAIS, O TOMBALI APROVEITOU A MARÉ...

Nova maré de faltas de comparência começam a invadir o campeonato nacional de futebol, da qual uma vez mais o maior beneficiado é o Desportivo de Tombali. Sossegado sob a frescura dos seus arrozais, já somou quatro pontos sem pontapear a bola uma só vez. O Ténis Clube e o Desportivo de Cantchungo são as equipas que cederam nada mais nada menos que 4 pontos e 6 bolas, por falta de comparência.

Em contrapartida, os Tombalinenses de certeza que seriam capazes de ir até à «cochinchina» para cumprir a jornada.

FARIM — 2 BULA — 1

A equipa da capital do norte, o Desportivo de Farim, que é orientada esta época pelo categorizado técnico Cipriano Jacinto, venceu no domingo passado a formação de Bula por 2-1, num desafio a contar também para a terceira jornada. Ainda para a mesma «ronda semanal», o Sporting de Bafatá conseguiu a sua primeira vitória desta época, frente ao Desportivo de Gabú. O último desafio desta jornada que pôs frente a frente em Bissau, as formações do Ajuda Sport e do Desportivo de Buba, forneceu o resultado de 2-1 favorável aos ajudistas.

Pamparida venceu a Taça Bandim-2

A equipa do Pamparida conquistou a primeira edição da taça do Bairro de Bandim-2 ao vencer no jogo de repetição a formação dos «Pugas» por 4-3. Ao fim de 120 minutos de

jogo as duas turmas estavam empatadas a zero bolas. No primeiro encontro, registou-se um empate de uma bola para cada lado. Ambos os encontros contaram com uma boa assistência.

Amanhã à noite Benfica-Tombali

O Benfica de Bissau e o Desportivo de Tombali defrontam-se amanhã à noite, em Bissau, num desafio a contar para a 2.ª jornada, em atrazo, do Campeonato Nacional de Futebol.

Este desafio encerra muitas surpresas, visto que as duas equipas têm o mesmo número de pontos o

Tombali sem efectuar ainda nenhum jogo, em virtude da falta de comparência dos dois adversários.

Portanto, será esta primeira exibição da formação do Sul. Por sua vez, o Benfica não perdeu nos dois primeiros jogos que fez em Farim e em Bolama.

Totobola continua sem totalistas

Já lá vão três concursos após a abertura do primeiro totobola nacional, e até agora não se registou nenhum totalista, e nenhum concorrente com 12 resultados certos. Os prémios têm andado nas mãos dos apostadores de 11 e 10.

Após o escrutínio do terceiro concurso correspondente aos jogos do passado fim-de-semana, apuraram-se 17 apostas com 11 resultados certos devendo receber cada uma 1.110 pesos; e nada mais nada menos 112 apostas com 10 resultados certos cabendo a cada uma, 154 pesos. O

montante atribuído aos premiados é de 37.765 pesos.

OS RESULTADOS E A CHAVE

FARP, 2 — Ténis, 0 — 1
Bolama, 1 — Benfica, 3 — 2
Farim, 2 — Bula, 1 — 1
Sporting, 2 — UDIB, 2 — x
Bafatá, 2 — Gabú, — 1
Ajuda, 2 — Buba, 1 — 1
Beira-Mar, 0 — Estoril, 1 — 2
Aca.Viseu, 0 — Guimar, 1 — 2
Barreiren, 1 — Spor, 0 — 1
Salgueiro 1 — Chaves, 1 — x
Fafe, 1 — Riopel, 1 — 1
Torrien, 0 — U.Leiria, 1 — 2
Sacav, 1 — C.Piedade, 0 — 1

Anúncios

PEDIDO DE COMPARENCIA

Pela Repartição de Finanças da Região de Bissau, são avisados os indivíduos a seguir indicados, de que devem comparecer com urgência na Secretaria daquela Repartição, sita na Avenida 3 de Agosto, a fim de regularizarem os respectivos processos relativos ao Imposto de Transacção pelas transmissões onerosas de veículos automóveis e motocicletas, operadas no período compreendido entre os anos de 1974 à presente data:

Califá Cassamá — Vespa G-4304;
João Cardoso Soares — Austin G-4288;
José de Sá — Austin G-4926;
Regina Ramatú Djaló — HILMAN IMP G-5844;
António Luís Carça — Austin G-4486;
Sotero Elias Janssens — Honda G-4122;
Jorge Brito Ramos dos Santos — Citroen G-1750;
Júlio Rendall — Austin G-5058;
Francisco da Silva Gonçalves — Peugeot 404 G-2597;
Carlos Bubacar Jall — Fiat-1500 G-3027;
Samba Baldé — Volkswagen G-6459;
Morgado Correia — Peugeot 403 G-1876;
Isabel Silva Monteiro — Austin G-3770;
Mário José Crima — Vespa G-4299;
Afonso Roberto Pina da Veiga — Simca G-2950;
Domíngos Iça Baldé — Renault G-6649;
Manuel António Lopes Pereira — Opel G-3483;
O mesmo — Opel G-3811;
Gregório Correia Landim — Austin G-4037;

José Barbosa Vicente — Toyota G-4363;
Benício Luís Lino Sebastião Silva — Peugeot G-3167;
Olavo de Assis Vieira — Austin G-6369;
Michel Angelo de Oliveira Sou — Simca G-4478;
Gonçalo Maria Cabral Leal de Faria — Honda G-4367;
João Dias Gonçalves — Simca G-2915;
António José Fonseca Corrêa Madeira — Simca G-3177;
Domingos Sá — DKW G-2470;
Francisco Leite — Honda G-3910;
Celestino Ferreira Lopes — Peugeot G-6035;
Rafael Pereira — Fiat G-2423;
Mamadú Iaia Baldé — Honda G-4374;
Apolinário Braima Camará — Peugeot G-3426;
Ansumane Caramó — Austin G-775;
Samba Jamanca — Peugeot G-2308;
Idalina Rosário de Barros Miranda — Austin G-808;
Quintino Sebastião Nosoliny — Toyota G-4684;
João da Silva — Chevrolet G-890;
Bransa Jau — Simca G-3218;
Luís António dos Santos — Vespa G-5170;
José Maria Melão — Skoda G-2590;
Joaquim da Silva Caetano L. Santos — Peugeot G-4931;
José de Sá — Peugeot G-5973;
Luís Soares — Ford G-4381;
César Romano Dias da Graça — Peugeot G-3153;
Óscar Jorge Frias Pinto Ribeiro — Triumph G-4159;
Marcos Mutar Mendes — Fiat G-2468;
Antero Semedo Cardoso — Austin G-5053;

(Cont. no próximo número)

Farmacias

HOJE — «CENTRAL FARMEDI N.º 2» — Bairro de Belém, telefone 3437.

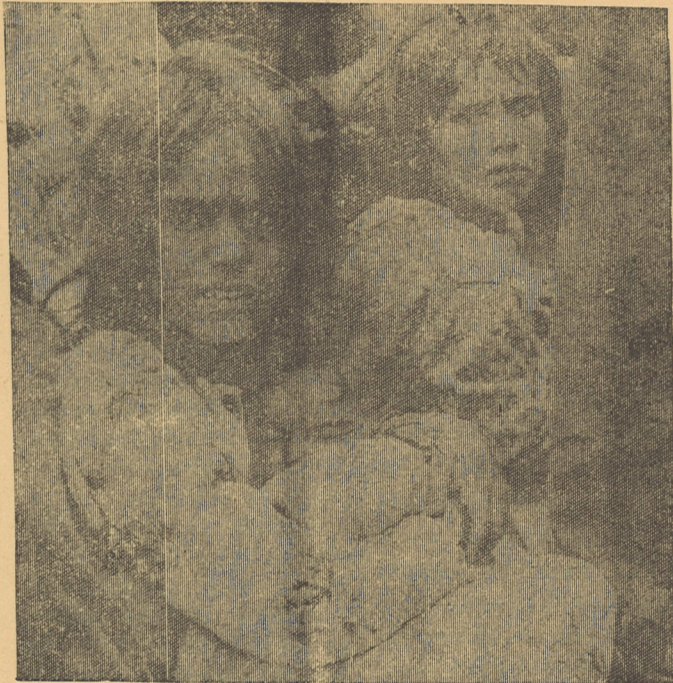
AMANHA — «FARMACIA HIGIENE» — Rua António N'Bana, telefone 2520.

Telefones

Bombeiros Voluntários — 2222.
POLÍCIA; 1.ª Esquadra 3888 — 2.ª Esquadra — 3444.
CORREIOS; — Informação 2600 — Radiodifusão Nacional 2430 — Aeroporto /4 — TAP 3991/3 — LIA 3004 — Aeroflot 2707 — Air Argelie 3775/7.
Chegadas e partidas de navios — 2922/5.
COMPANHIA DE ELECTRICIDADE E AGUAS
Gabinete do Director e Serviços Administrativos — Telefone 2411;
fone 2414 (7 à 1h).
Brigada da Assistência aos Consumidores — Telefone 2414 (7 à 1h).
16.30 horas — Desafio de pares.

Próximo-Oriente;

Bagdad: A cimeira da esperança



Próximo-Oriente: um paz para quando?

Uma campanha diplomática generalizada foi lançada no Próximo-Oriente, contra o Egípto e os acordos de Camp David. Decorre actualmente, em Bagdad, uma reunião ministerial preparatória da cimeira árabe, convocada pelo Iraque para 2 de Novembro, com vista a estudar o reforço da solidariedade árabe e para a qual será elaborado um

programa de acções conjuntas contra os acordos de Camp David.

Quase dois anos após a última cimeira árabe a paragem do Cairo, a maioria dos chefes de Estado árabe vai agora reunir-se numa cimeira que não contará com a presença do chefe de Estado egípcio, apesar deste ser a «vedeta», paradoxalmente, desta reunião de

Bagdad. Foi ao assinar, a 11 de Setembro último, com Menahem Begin, os acordos de Camp David, que Anouar El Sadate decretou o seu próprio isolamento no seio do mundo árabe, provocando, ao mesmo tempo, uma reconciliação, depois de cinco anos, entre o Iraque e a Síria.

Os dirigentes árabes proclamam agora a necessidade urgente da unidade árabe para fazer frente ao inimigo comum, o sionismo. A OLP (Organização de Libertação da Palestina), afirmou já que iria propôr que a cimeira árabe de Bagdad tome as «decisões da Frente árabe de Resistência como plataforma política» e que «seja seriamente estudado o recurso à arma do petróleo».

Entretanto, em Washington, as negociações egípcio-israelitas retomaram depois de uma intervenção do presidente Carter quando aquelas pareciam ter chegado a um ponto morto na sexta-feira.

Logo que se anunciou, na sexta-feira no Cairo, que o governo egípcio decidira chamar os seus dois principais negociadores, o mi-

nistro da Defesa, general Kamal Hassan Afi e o ministro interino dos Negócios Estrangeiros, Butrus Ghali, o presidente Carter telefonou ao presidente Sadate para lhe pedir que deixasse os seus negociadores, com que foi feita «depois de uma noite de reflexão». Entretanto, o governo israelita aprovou, no domingo, a decisão de Menahem Begin em prosseguir a colonização dos territórios árabes ocupados.

Outra das consequências dos acordos de Camp David é a questão libanesa onde o reforço do cessar-fogo — que atingiu no sábado o seu 21.º dia — continua a ser a principal preocupação das autoridades, em conformidade com as decisões aprovadas pelo conselho de ministros de quarta-feira passada. Estas medidas prevêm o desmantelamento das obras militares (barricadas, barragens, etc.) e a recolha de armas em todo o território, bem como a coordenação das actividades da FAD (Força Árabe de Dissuasão) com o Exército Libanês e as forças de Segurança interna.

Panama: Política externa

PANAMA — O governo de Aristides Royo, recentemente eleito, continuará a política externa de defesa dos recursos naturais, de não-alinhamento de integração regional praticada pelo Panamá nestes últimos anos.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Carlos Ozords, que afirmou isso, acrescentou que o seu ministério dará prioridade às tarefas destinadas a universalizar a neutralidade do Canal, estabelecida nos novos tratados. A este respeito ela informou que o governo estudará o pedido dos Estados Unidos que as suas actividades se desenrolem de forma conjunta.

A política externa do Panamá, disse ainda, continuará a promover a integração regional e o processo de integridade territorial e de soberania.

O ministro panamenho reafirmou, por outro lado, o apoio do seu governo a uma solução justa do conflito no Médio-Oriente, solução que compreenda as partes implicadas bem como o fim do racismo na África Meridional.

«SALIOUT — 6» VOLTA A TERRA

MOSCOVO, 29 — A tripulação da estação espacial, «Saliout-6» prepara a sua volta à Terra, confirmou, no domingo, a «Pravda», citada pela agência «TASS».

Os cosmonautas, Vladimir Kovalenok e o Alexander Vantchukov, precisa a «Pravda», estão em vias de terminar o programa das pesquisas científicas previsto e consagram agora os seus esforços à preparação do regresso à Terra. — (FP)

O DÓLAR E O PETRÓLEO

KOWEIT, 28 — Abder El Atiki, ministro koweitiano das Finanças, declarou, ao jornal «Al Watan» do Kuwait que não há outra solução para os países produtores de petróleo, face à queda do dólar, senão o aumento de preço daquele carburante.

Acrescentou que a próxima conferência da OPEP de Dezembro, em Abu Dhabi, deverá debater a queda do dólar e do petróleo.

O MINISTRO ARGENTINO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS DEMITIU-SE

BUENOS AIRES, 28 — O ministro argentino dos Negócios Estrangeiros, Oscar Montes, apresentou a sua demissão ao presidente argentino, general Jorge Videla.

Montes, que anunciou a sua própria demissão aos jornalistas, aludiu aos problemas actuais da Argentina, precisando que não se considerava mais um interlocutor válido para o estrangeiro. — (FP)

YEMEN DO NORTE: 115 PRESONEIROS LIBERTADOS

SANAA — O presidente norte-yemenita, Ali Abdallah Saleh, ordenou a libertação de 115 pessoas acusadas de cumplicidade na recente tentativa de golpe de Estado, anunciou, no domingo, a Rádio Sanaa. Na quinta-feira passada, nove militares norte-yemenitas tinham sido executados, depois de julgados autores desta tentativa falhada de 15 de Outubro. (FP)

TUFAO MATA 119 PESSOAS

MANILA — O balanço dos danos provocados pelo tufão «Rita», que devastou na quinta e sexta-feira as ilhas Filipinas, elevava-se no domingo a 119 mortos, após a descoberta de 58 novas vítimas na província de Bulacan, a norte de Manila, e na península de Bicol (sul da capital), anunciou-se de fontes oficiais. O ministro do Bem-Estar Social indicou, por outro lado, que 20 mil pessoas se encontravam sem abrigo. (FP)

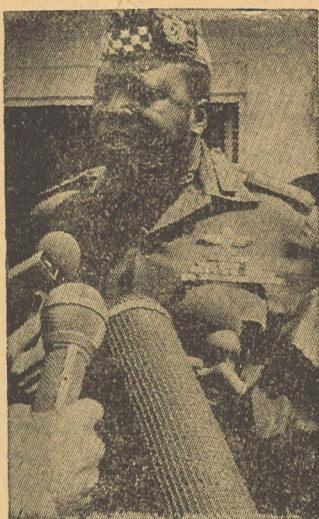
Tanzania acusa Uganda de agressão

DAR-ES-SALAM, 28 — A aviação ugandesa bombardeou, na sexta-feira passada, a cidade tanzaniana de Bouba, junto ao Lago Victória, indicaram fontes diplomáticas da capital.

Segundo a rádio Kampala, este bombardeamento foi efectuado em represália pelos pretensos «ataques tanzanianos» ao Uganda.

Como primeira reacção às informações ugandesas, o «Daily News», jornal governamental tanzaniano, acusa a imprensa ocidental de utilizar a personagem de Idi Amin e as suas extravagantes declarações, para desviar a atenção do mundo das lutas de libertação da África Austral. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Benjamin M'Kapa, qualificou as informações de Idi Amin de absurdas.

Anteontem o general Idi Amin teria anunciado a chegada de uma visita de inspecção às fronteiras, que as forças tanzanianas ti-



IDI AMIN DADA

nham regressado ao seu país.

Esta sucessão de informações, contraditórias, como as contradições contidas no «Boletim Especial» de sexta-feira, leva, mais uma vez, os observadores a interrogarem-se sobre a existência da invasão.

Desde que o presidente Amin está no poder, registou-se uma única invasão, montada em 1972 a partir da Tanzânia pelos partidários do antigo presidente ugandês, Milton Obote. (FP)

Irão

O xá tenta salvar a situação caótica ● negociações com oposição religiosa

TEHERÃO — A revolta popular aumenta de volume em todo o Irão, onde nada deixa prevêr uma solução para os próximos tempos. As notícias falam de tensão em Teherão, ao mesmo tempo que chegam ecos de consideráveis manifestações na província e de uma situação caótica nas principais cidades do interior. Enquanto a imprensa descrevia Zandjan como uma «cidade em cinza», e que a rádio anunciava o envio de blindados a Hamadan, 50 mil pessoas manifestaram-se em Gorgan e uma dezena de outras cidades eram teatro de revoltas populares.

Em Teherão, a tensão subsiste depois de violentas manifestações estudantis no sábado. O exército tomara então posição com blindados, nos pontos nevralgicos da capital. Um dos pontos dos confrontos foi a Universidade de Teherão (reaberta no domingo depois de negociações), onde uma centena de professores ocuparam o cubo universitário para protestar contra a interdicação da reabertura de

uma «semana de solidariedade nacional» que tinham proclamado no domingo. O exército, que patrulhava na noite de domingo, o quartel central onde se localiza a Universidade, lançou granadas de gás lacrimogénico e disparou balas de borracha. Parece não ter havido mortos, mas raramente a tensão atingiu um tal grau na capital desde os desafios que precederam, nos princípios do mês de Setembro, a proclamação da lei marcial.

Entretanto, um encontro teve lugar no domingo de manhã, nos arredores de Paris, entre o «ayatollah» Khomeiny e Karin Sandjabi, secretário geral da Frente Nacional iraniana — soube-se de fonte próxima a este último. Sandjabi, acrescentou-se, aprovou o último apelo em seis pontos «ao prosseguimento da luta para pôr termo à dinastia Pahlevi», lançado no sábado pelo «ayatollah» Khomeiny. Este apelo foi dirigido aos chefes do Exército, aos escritores, aos estudantes e

aos prisioneiros políticos iranianos. O encontro deveria ter continuidade, num local ainda não-escolhido, da região parisiense, e ne participarão diversos representantes da oposição iraniana. O objectivo dos emissários de Teherão, traumatizados pela degradação da Nação e da economia é, segundo boas fontes, tentar um esforço desesperado junto ao velho chefe religioso para que renuncie à destruição da monarquia e aceite a constituição de um governo pela oposição.

Este governo poderia ser dirigido pelo antigo Primeiro-Ministro, Avi Amini, que exigiria plenos poderes para um programa «semi-revolucionário». Os meios informados dão só uma pequena chance de sucesso para a empresa. Se ela se revelar positiva, necessitará ainda da «luz-verde» do Xá. Alguns dirigentes da oposição afirmam em privado, que o soberano iraniano aceitará esta operação. (FP)

Registo

Deitar os pés à parede

A longa fila de jovens ia entrando na loja a contágotas, mas isso não evitava que diante do balcão se comprimissem uma autêntica multidão, impaciente e bulhosa. Três ou quatro empregados acotovelavam-se para corresponder aos pedidos de cadernos escolares, lápis, borrachas e toda a panóplia de instrumentos de trabalho dos estudantes. Uma vez, era o empregado de balcão que recebia o dinheiro e o levava à empregada da caixa — talvez a gerente da loja — dando, pelo caminho, uma ajuda aqui, um empurrão acolá, enquanto tentava reter na memória — mas nem sempre com grande sucesso — os artigos que tinha vendido. Outras vezes, era o próprio cliente que fazia o pagamento, enumerando apressadamente o que levava debaixo do braço. Mas também em frente à caixa a confusão era grande, e um ou outro, chamado por «afazeres urgentes» noutro lado, escorregava distraidamente porta-fóra, esquecendo-se de pagar.

mento sobre o começo das aulas? Pois claro. Mas não só. É que, quando se fizer o balanço desses dias estafantes, há-de haver trabalhadores que sentirão sobre si olhares de suspeita. Alguém terá que tirar do seu magro ordenado uma grossa fatia mensal para repôr a soma total desses pequenos roubos e das pequenas distrações de quem tem que fazer muitas centenas de contas de cabeça quando a cabeça já anda à razão dos juros. Isto, se tiver a sorte de não lhe acontecer algo pior.

Em muitas das pequenas lojas do comércio estatal, não existe sequer uma máquina registadora ou, quando existe, muitas vezes não passa dum elemento decorativo (?) com uma gaveta dentro, pois não está em condições de registar coisa nenhuma.

Há trabalhadores que se aproveitam dessa situação? Sem dúvida. Mas também há outros que têm que arcar com culpas que não são suas — ou melhor, que só têm a culpa de não «deitarem os pés à parede».

Mário Cabral contacta responsáveis da agricultura no Norte e Leste do país

Para uma série de contactos com os principais responsáveis regionais sobre a situação dos projectos agrícolas em execução, o camarada Mário Cabral, Comissário de Estado do Desenvolvimento Rural, percorreu durante uma semana, as regiões de Cacheu, Oio, Bafatá e Gabu. É a primeira visita ampla do novo titular do Desenvolvimento Rural efectiva no interior do país e que de acordo com as suas declarações, visa essencialmente inspeccionar e tomar contactos com responsáveis regionais e todos os quadros da agricultura para a preparação de uma reunião, no final de Novembro, com vista à elaboração de um plano de acção do seu Comissariado, que irá ser apresentado ao Governo.

Na sua deslocação às regiões de Cacheu e Oio, o camarada Mário Cabral foi acompanhado pelo engenheiro Luís Cândido Ribeiro, director dos serviços do mesmo departamento. Os dois responsáveis assistiram a uma sessão de extensão na tabanca de Batucar, tendo reunido com os extensionistas em formação no Centro de Bachile na região de Cacheu. Em Oio, visitaram a granja de Bissorã e o centro de vulgarização de cultura

da mancarra no sector de Farim.

Na visita às regiões do Leste e Nordeste do país, o Comissário Mário Cabral foi acompanhado pelo Secretário-Geral do Comissariado de Desenvolvimento Rural, Avito da Silva, sendo ambos recebidos pelo Presidente do Comité de Estado da região de Bafatá, camarada Braima Bangourá, e pelos camaradas Nhamá da Costa e Manuel Dias, respectivamente director dos projectos agrícolas de algodão/arroz e de mancarra/tracção animal.

A delegação efectuou, uma visita a vários departamentos e instalações da futura fábrica de desgranação do algodão.

No Gabú, Mário Cabral visitou também alguns departamentos estatais ali representados e vários campos agrícolas de algodão cultivados pelas populações, em Pitche, tendo constatado o avanço da introdução de algumas técnicas pelos enquadadores da população.

Mário Cabral e a comitiva que o acompanhava, estiveram igualmente nos campos da cultura de arroz, mancarra e algodão dos sec-

tores do Sonaco e Contuboele, mais tarde, o Centro de Formação de Enquadadores da Tracção Animal, em Fát-Mandinga.

Nos últimos dias da sua visita ao leste, o Comissário do Desenvolvimento Rural teve uma reunião em Bafatá com todos os técnicos agrícolas nacionais e estrangeiros das duas regiões, na qual os principais responsáveis de projectos de arroz (DEPT), mancarra, algodão e dos departamentos veterinários locais fizeram exposições sucintas sobre o estado dos referidos projectos. As exposições foram seguidas de debates sobre os assuntos em questão.

A reunião terminou no fim da mesma, tendo os camaradas Mário Cabral e Avito da Silva exortado os camaradas a manterem informados os comités de Estado sobre a situação dos projectos, promovendo reuniões periódicas com vista à coordenação dos trabalhos, a reforçarem a sua acção a nível das tabancas, bases fundamentais do desenvolvimento regional.

A UNTG promove jornada de trabalho voluntário

No âmbito do plano de Emulação Patriótica em fase experimental em três centros pilotos, realizou-se no domingo de manhã, no parque situado atrás da Sé

Catedral de Bissau, o primeiro trabalho voluntário organizado pela nossa Central Sindical (UNTG).

Num acto simbólico, em saudação ao Primeira Conferência Nacional dos Trabalhadores, o camarada José Pereira, membro do CSL do Partido e Secretário-Geral da UNTG, fez a entrega, ao Comité do Bairro de Setembro, do parque completamente limpo. A cerimónia da entrega teve lugar ontem de manhã, na presença de vários representantes do Partido e do Estado, da J.A. A.C. e do referido Bairro, nomeadamente o camarada Tiago Aleluia Lopes, membro do CEL e Presidente do Comité do Partido da região de Bissau, e Juvêncio Gomes, membro do CSL e Presidente do Comité de Estado do Sector Autónomo de Bissau.

Os dirigentes que participaram nesse acto realçaram esta louvável iniciativa que não só cria condições de recreio para as nossas crianças, como também demonstra a maturidade política dos nossos trabalhadores, para além de embelezar a nossa cidade.

Centro de leprosos de Cumura

(Continuação da pag. 1)

Recordamos que esta aldeia comuna foi construída por iniciativa do Departamento dos Assuntos Sociais a fim de alojar os leprosos já curados.

Neste momento, só se encontram nas enfermarias os lepramatosos (aqueles que podem contaminar).

Publicaremos no próximo número uma reportagem sobre o Centro de Leprosos de Cumura, onde focaremos vários aspectos da sua vida na aldeia comunal, e o programa do Comissariado da Saúde e Assuntos Sociais no que respeita aos problemas da lepra e o trabalho que tem sido feito pelos interessados para se tornarem cada vez mais autosuficientes.

Semana de solidariedade com o povo da Namíbia



Namíbia: a luta pela independência

NOVA YORK, 30 — Organização das Nações Unidas assinalou numa atmosfera solene, a semana de solidariedade com o povo da Namíbia. Esta semana é organizada anualmente, conforme a decisão da Assembleia Geral da ONU, e constitui um apelo à cooperação internacional no apoio à luta do valente povo da Namíbia pela liberdade e pela independência.

Waldheim, secretário-geral da ONU, usando da palavra durante a reunião especial do conselho da ONU para a Namíbia, salientou o imperativo da aplicação das resoluções da ONU que pretendem pôr fim à ocupação ilegal da Namíbia pelo regime racista da África do Sul e garantir os direitos legítimos do povo namibiano. Perante estas importantes resoluções, a comuni-

dade internacional engajou-se solenemente a defender os interesses do povo da Namíbia e a assegurar o exercício do seu direito inalienável à autodeterminação, à liberdade e à independência. O secretário-geral da ONU declarou que a solução justa deste problema deve ter em conta as aspirações legítimas do povo namibiano e pressupõe a evacuação das tropas sul-africanas de ocupação do território da Namíbia, na realização de eleições livres, na anulação de todas as leis discriminatórias e repressivas, e na libertação dos detidos políticos nas prisões racistas.

O conselho da ONU para a Namíbia teve uma reunião especial no domingo para comemorar a semana de solidariedade para com o povo namibiano, manifestação esta que celebra o 12.º aniversário da decisão desta assembleia de terminar o mandato da RSA sobre a Namíbia e de assumir as responsabilidades do destino do território. (TASS)

Comunicado conjunto

(Continuação das centrais)

O Presidente Luiz Cabral mostrou-se satisfeito ao observar os preparativos já em marcha para a próxima cimeira da OUA a efectuar-se em Monróvia e reafirmou a disposição do Governo da República da Guiné-Bissau para dar a sua modesta contribuição no processo.

O Presidente Tolbert apreciou os simpáticos sentimentos do seu amigo Luiz Cabral e felicitou-o pela sua política de consultas e o dinamismo que continua a imprimir nos programas de desenvolvimento da República da Guiné-Bissau, para o progresso do seu povo.

No final da visita, o Presidente Luiz Cabral exprimiu a sua satisfação ao Presidente Tolbert Júnior, ao Governo e ao Povo da Libéria, pelo caloroso e fraternal acolhimento e hospitalidade, assim como aos membros da sua delegação.

O Presidente Luiz Cabral renovou, ainda, o seu convite ao seu amigo e irmão, Presidente William Tolbert Júnior, a visitar a Guiné-Bissau. O convite foi aceite com alegria e a data será marcada por via diplomática.

Artistas soviéticos em Bissau

Uma delegação das Associações Soviéticas de Amizade e Relações Culturais com os Povos Estrangeiros chegará a Bissau na próxima quinta-feira, para uma visita de amizade. A referida delegação é chefiada pelo ministro da Saúde da República Federativa Socialista Soviética da Geórgia e integra um grupo de estudantes da Escola Estatal do Circo e Variedades de Tiblíssi, capital da Geórgia, que brindará o público da capital e do interior com uma série de espectáculos.

Do programa de espectáculos consta o seguinte: dia 3, sexta-feira, às 21 horas, no salão do III Congresso em Bissau para sócios e convidados; dia 4, sábado, às 17 horas, em Bubaque. Posteriormente, o grupo deslocar-se-á a Cantchungo e Bafatá.

Irão

Polícia abatido

TEHERÃO — Um coronel da polícia foi morto no Sul do Irão e importantes manifestações tiveram lugar em Teherão bem como em várias outras cidades da província, no dia do aniversário do Xá do Irão. Na capital, em frente à Universidade, a tropa atirou para o ar e lançou granadas lacrimogéneas para dispersar milhares de estudantes.